



Vilania, futebol e representação: análise de uma série de reportagens sobre violência e torcidas organizadas

Juliana Nascimento da Silva¹  

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente artigo tem como objetivo relacionar os debates entre construção de mitos no futebol pelos meios de comunicação com o processo de estigmatização das torcidas organizadas. Tendo como referencial teórico os debates sobre representação, o trabalho busca analisar as disputas discursivas visualizadas na série de reportagens veiculadas pelo Globo Esporte, programa esportivo e televisivo da Rede Globo, intitulada “Futebol em Paz”. A partir da investigação, é possível perceber a construção narrativa e representativa da reportagem sobre os torcedores organizados pela perspectiva da vilania, enquanto o público caracterizado como “família” protagoniza o heroísmo de conduta de um público desejado nos estádios.

Palavras-chave

Torcidas organizadas. Jornalismo esportivo. Representação.

1. Mestre e doutoranda em História Social pela UFRJ. Bolsista FAPERJ.

Villainy, football and representation:
an analysis of a series of articles on
violence and organized supporters

Abstract: The present article aims to connect the debates between the construction of football myths by the media and the process of stigmatization of the organized supporters. Having as a theoretical reference the debates about representation, the paper seeks to analyze the discursive disputes visualized in the series of reports broadcasted by ‘Globo Esporte’, a sports and television show, owned by Rede Globo, entitled “Futebol em Paz”. From the investigation, it is possible to perceive the narrative construction of the report about the organized supporters from the perspective of villainy, while the public characterized as “family” protagonizes the heroism of conduct of a desired public in the stadiums.

Keywords: Organized supporters. Sports journalism. Representation.

Villanía, fútbol y representación:
análisis de una serie de reportajes sobre la
violencia y la afición organizada

Resumen: Este artículo tiene como objetivo relacionar los debates entre la construcción de mitos en el fútbol por parte de los medios de comunicación con el proceso de estigmatización de los aficionados organizados. Tomando como referencia teórica los debates sobre la representación, el trabajo busca analizar las disputas discursivas observadas en la serie de reportajes transmitidos por Globo Esporte, programa deportivo y televisivo de la Rede Globo, titulado “Futebol em Paz”. A partir de la investigación, es posible percibir la construcción narrativa y representativa del reportaje sobre los aficionados organizados desde la perspectiva de la villanía, mientras el público caracterizado como “familiar” protagoniza el heroísmo de conducta de un público deseado en los estadios.

Palabras clave: Afición organizada. Periodismo deportivo. Representación.

Introdução

O entendimento sociológico do futebol enquanto esporte moderno, segundo Ronaldo Helal (1990), tem como pré-requisito a compreensão da relação intrínseca entre a referida prática esportiva com as dramatizações sociais na vida cotidiana. Isto é, a presença do futebol moderno no entrecruzamento das esferas individual e coletiva é algo socialmente construído e capaz de interpretar os fatos da sociedade.

Mais que mero objeto de estudo, o futebol se faz presente nas trajetórias individuais e coletivas, demarcando uma presença conjunta na vivência da sociedade. Portanto, torna-se matriz de análise não apenas de sua prática, mas da extrapolação de seus significados, das suas representações, e das relações construídas em torno e a partir do esporte. Na esteira das contribuições de Clifford Geertz (1989), “pode-se dizer que compreenderemos algo sobre a cultura brasileira – dos homens, especialmente – observando o comportamento em torno do campo, da mesma forma que se observa a rinha de galos em Bali” (Damo, 2001, p. 98).

Os debates que delinearam a consolidação do campo nas pesquisas acadêmicas estiveram alicerçados na perspectiva do futebol enquanto prática significativa das múltiplas “esferas da vida social” (DaMatta, 1982, p. 26) e enquanto veículo de narrativas construídas e passíveis de interpretação sociológica. No entanto, a percepção da relação

intrínseca entre futebol moderno e sociedade extrapolou as balizas acadêmicas e se tornou metáfora para análises em outras esferas, como a mídia.

Isto posto, o futebol se tornou uma ferramenta de análise e de interpretação dos dramas e dos fatos sociais, bem como “uma importante via de acesso às avaliações sobre o povo brasileiro” (Guedes, 1998, p. 21). Da exaltação à objeção, o futebol enquanto lupa social encontrou solo fértil entre os meios de comunicação, que deram tonalidades profundas e coletivas às derrotas e às vitórias vivenciadas dentro das quatro linhas.

1 Entre a estética e o vínculo

No diálogo entre modernidade e ciência moderna, a racionalização se configura enquanto um conceito-chave para o entendimento do projeto de civilização ocidental. Pautada em princípios como individualismo e progresso, a modernidade ocidental se caracteriza por um processo de desencantamento do mundo em detrimento da perspectiva de calculabilidade das distintas esferas da vida. Em interlocução com tais prerrogativas, o futebol moderno tem como pressupostos do desencantamento os conceitos de secularização e racionalização (Helal, 1990).

Enquanto características dialógicas, secularização e racionalização compõem o processo de fixação do futebol na modernidade a partir do afastamento do domínio religioso concomitante à imersão nas lógicas da calculabilidade, ancoradas em análises de desempenho quantificadas sob o pressuposto do progresso. A partir dessa perspectiva, uma questão pairou no campo acadêmico: se há um afastamento dos aspectos lúdicos e criativos do futebol, por que é um esporte que provoca tanto fascínio?

Movido por esse questionamento, Hans Ulrich Gumbrecht (2007) realizou a leitura do fascínio pelo futebol a partir do impacto estético dos corpos em disputa no campo. Na investigação das possibilidades de encantamento do esporte no mundo moderno, o autor alemão elencou como aspectos para este fenômeno a percepção dos atletas enquanto semideuses, pelo vislumbre da utilização do corpo para além dos usos corriqueiros; pela expectativa vivenciada entre os torcedores no que diz respeito à “emergência de belas jogadas” (Gumbrecht, 2007, p. 14); pela sacralização do estádio e a consequente ritualização de comportamentos; e, por fim, uma relação de gratidão aos atletas.

O deslumbre pelo futebol, segundo Gumbrecht, se dá na medida em que “a emoção e a felicidade promovem a formação de um ‘corpo comum’ entre ‘espectadores comuns’” (Gumbrecht, 2007, p. 15) alicerçados na vivência de uma experiência estética, em que o objetivo da disjunção – próprio do futebol – ocupa um espaço secundário. Desse modo, as possibilidades de reencantamento do referido esporte ignoram tanto a complexidade do mesmo enquanto objeto social, quanto a relação instituída entre

torcedores e clubes. O enfoque na dimensão da estética nos esportes na literatura de Gumbrecht relega aos torcedores o papel passivo de espectador, invisibilizando a sua transmutação de indivíduo à *persona* e a aderência a um conjunto simbólico existente de acordo com seu vínculo clubístico (Damo, 2005).

1.1 Autoria torcedora

A complexidade do futebol, no entanto, não está restrita às práticas corporais e disjuntivas estabelecidas entre duas equipes dentro de estádios. Segundo definição de Toledo (2000) e adaptação por Arlei Damo (2005), a matriz espetacularizada do futebol é composta por uma divisão de trabalho composto por profissionais, especialistas, torcedores e dirigentes. Extrapolando as balizas da estética, o futebol é multiplicado através da construção de redes de interdependência entre os agentes da divisão do trabalho, desde jornalistas até torcedores, evidenciando uma relação complexa e preenchida por distintos símbolos:

Fosse esta uma posição isolada talvez não valesse a pena, mas na medida em que ela suscita uma dada mirada estética para o espetáculo, convém dar-lhe atenção. A questão central de Gumbrecht é a seguinte: “Por que os atletas apreciam competir e por que nós, espectadores, apreciamos assistir-lhes?” Estou de acordo com ele quando rejeita a hipótese de que o prazer resulte da obediência às regras, da realização do esforço físico por parte dos atletas (catarse, em si mesma) ou da concentração dos espectadores no desenlace do jogo. Porém não posso estar com ele quando arrasta o debate para o campo da epifania. [...] O fato de que as epifanias sejam apreciadas não implica que elas sejam o fundamento estético do futebol como espetáculo. Daí porque a interpretação de Gumbrecht tem seus limites quando ela própria, depois das críticas aos essencialismos, tenta impor a chave do sublime. Então, por que Gumbrecht tem de ser retomado? Exatamente para mostrar como a sua investida é arriscada. Não se pode tentar decifrar o enigma estético olhando-se tão somente para o jogo (Damo, 2005, p. 58-59).

Para além da dimensão da estética, o fascínio do futebol no Brasil, dentre diferentes explicações, está associado ao estabelecimento de vínculos, uma vez que “a força motriz do futebol como espetáculo reside nas arquibancadas, onde se dramatizam os pertencimentos” (Damo, 2005, p. 63). O elo estabelecido entre torcedores e seus clubes implica em um investimento simbólico e em uma adesão a um sistema complexo de rituais, crenças, valores, indumentárias e signos consonantes com a instituição futebolística. O tornar-se *persona*, para além de indivíduo, requer um capital afetivo das pertencas e das rejeições compartilhadas, em que uma *forma-representação* (Toledo, 2000) do modo de torcer é instituída de acordo com as prerrogativas identitárias dos clubes. Isto

posto, observa-se a transposição do objetivo de disjunção da prática futebolística para as relações torcedoras como orientação de um torcer que dialogue com a identidade clubística. Desse modo, as pertenças são dramatizadas de modo a adotar um conjunto simbólicos que caracterize o engajamento e o diferencie – em uma lógica de superioridade – em uma perspectiva relacional de oposição com um torcedor de clube rival:

Portanto, pode-se definir um espetáculo futebolístico como um evento poli-fônico no centro do qual ocorre uma disputa regrada entre duas equipes que representam comunidades afetivas, sendo que essas podem-se fazer presentes, co-participando da disjunção, ou acompanha-la à distância, na medida em que uma das características desse espetáculo é a sua recriação midiática (Damo, 2005, p. 402-403).

Os valores manifestados através da formulação de conjuntos simbólicos, chamados por Damo de “clubismo” (Damo, 2005, p. 61), pode ser traduzido sob a perspectiva de atuação ativa dos torcedores no futebol enquanto matriz espetacularizada. Na relação com seus clubes e demais torcedores – seja pelo compartilhamento do vínculo, seja pela lógica diacrítica –, os símbolos e suas disjunções promovem novas realidades que atualizam os ritos que compõem o esporte:

Sem a disjunção, os espetáculos esportivos muito provavelmente não sobreviveriam, sequer existiriam ou teriam de ser reinventados. A disjunção produz realidade; ela põe o totemismo clubístico em movimento. [...] A disjunção em relação ao “outro” implica na conjunção do “nós”, e ainda que isso não opere mecanicamente, pode-se ao menos afirmar, sem riscos, ser a produção simultânea de identidade e alteridade uma das razões pelas quais os espetáculos futebolísticos são absorventes, tal qual outros ritos agonísticos (Damo, 2005, p. 404).

2 Formação de mitos no futebol brasileiro

A formulação de mitos e seus ritos são operações simbólicas da linguagem. A narrativa mitológica é amparada na constituição de características e modelos exemplares que estão em consonância com a representação e coesão de determinada história. Isto posto, há um pressuposto de esforço de comunicação através da formulação e consolidação de mitos e seus rituais como “tentativas simbólicas de solucionar problemas da vida social” (Rodrigues, 1982, p. 78).

Com o objetivo de analisar a imagem de Edson Arantes do Nascimento, Pelé, maior ídolo do futebol brasileiro, à época de sua despedida do selecionado nacional nesse ritual de passagem, José Carlos Rodrigues expõe três operações básicas para iden-

tificar os objetivos da construção de mitos. Na figura de herói ou de vilão, a formulação de mitos e ritos na sociedade está em diálogo com a construção de representações que pretendem comunicar determinadas expectativas e valores. Portanto, é necessário se questionar quanto à problemática que o rito pretende resolver, quanto aos objetivos de uma fala em sentido figurado e quanto à esfera coletiva do mesmo (Rodrigues, 1982, p. 80). Isto é, a construção de mitos e ritos é atravessada por interesses sobre determinados problemas sociais e coletivos e, assim, constrói um modelo exemplar dos valores a serem expressos por meio desta imagem, seja ela como modelo ideal, seja execrável inserida num padrão de oposição dialético.

2.1 O que querem dizer os heróis e os vilões do futebol?

Alicerçada no conceito de “transfiguração” manejado por Hans Ulrich Gumbrecht, Leda Costa (2021) mobiliza as figuras dos jogadores de futebol sob a perspectiva da distinção entre os demais, tanto a partir da glória quanto da desfortuna. A transfiguração do atleta se dá na medida em que o personagem ordinário ganha protagonismo com a representação cimentada na complexa elaboração de heroísmo e vilania.

A produção de dicotomias a partir da elaboração de mitos sociais atravessa a construção de heróis e vilões, que operam como personagens modelos de comportamento e valores, sob o signo da recusa ou da idealização. No âmbito do futebol, dado o intrínseco encadeamento do esporte com os distintos domínios que compõem a sociedade, as tipologias dos personagens elencados como heróis e vilões extrapolam o limiar das quatro linhas, almejando expor valores em numa perspectiva arrojada.

O formato e a veiculação das narrativas de figuras de idolatria no futebol brasileiro associam a figura do ídolo ao do herói (Helal, 2003), que é concebido sob perspectivas consonantes com as peculiaridades do referido esporte no Brasil. Ao analisar duas biografias de ídolos do futebol brasileiro, Helal comparou as diferentes caracterizações dos jogadores, bem como suas recepções e significações na relação com um suposto estilo brasileiro de jogar. Elencados como personagens de trajetórias opostas, Romário e Zico, dois grandes jogadores do futebol brasileiro, têm suas imagens de ídolos construídas sob distintos vieses, em que Zico é qualificado através da dedicação e do esforço, enquanto Romário pela malandragem, talento e irreverência, qualificações que se aproximam mais com um ideal de jogo no país.

Na comparação entre as narrativas, a imagem de Zico é atrelada à dedicação e, por isso, a caracterização de Romário, alicerçada na habilidade inata e em um jogar malandro, é tida como a representação da nação e, mais que isso, como modelo de resgate “da “brasilidade” da seleção” (Helal, 2003, p. 30). As projeções feitas a partir dos debates do heroísmo operam na medida em que se propõem a estimular valores e modelos com-

portamentais desejados não apenas para a esfera futebolística, como para a sociedade mais ampla. Do mesmo modo ocorre a formação de vilões: são projetadas sobre eles características reprováveis no meio social, relegando-os uma alteridade negativa.

A formação da imagem dos vilões é atravessada pela construção de uma lógica homogeneizadora composta por estereótipos. Sua caracterização é baseada na exposição do desarranjo entre suas características com as expectativas e valores sociais, constituindo uma presença ilegítima diante da comunidade. Desse modo, os vilões representam a oposição em relação aos elementos constitutivos dos heróis, expondo uma relação dialética cimentada na rejeição de seus atributos. Tornam-se, portanto, modelos daquilo que não deve ser seguido, tem que se trabalham não apenas idealizações, mas narrativas de combate à sua figura e suas pulverizações.

Apesar das caracterizações pejorativas atribuídas aos vilões, tais personagens representam potencialidades de exploração melodramática, que encontram na mídia terreno fértil para a exposição de suas narrativas. A relação dos meios de comunicação com as figuras vilânicas se dá de forma dual: ao mesmo tempo em que estas oferecem possibilidades de benefício em função de seu rendimento dramático, a mídia criou espaço fecundo na esfera futebolística para a emergência de heróis e vilões com a processual espetacularização do futebol.

Em vista disso, as estratégias narrativas do jornalismo esportivo muito se aproximam do melodrama (Costa, 2021). Ao “folhetinizar a notícia” (Costa, 2021, p. 77), isto é, construir narrativas respaldadas na imaginação e no excesso, a cobertura midiática quase se aproxima da espetacularização dos fatos narrados:

Os jogos são convertidos em histórias repletas de dramatizações em que o tom superlativo prepondera na tentativa de provocar os afetos do leitor, fomentando identificação fácil e imediata. No jornalismo esportivo, as notícias costumam transcender “as suas funções tradicionais de informar e explicar” (DARDENNE, 1999, p. 265) e caminham na direção do entretenimento (Costa, 2021, p. 83).

As estratégias narrativas do jornalismo esportivo, apesar de produzir identificação, impulsiona também a formulação de estigmatizações sobre determinados atores sociais. Ao corroborar com a construção de figuras de heroísmo e de vilania no futebol, a circulação das notícias passa a significar também o reforço de determinadas posições sociais a partir de aproximações e rejeições. Transposto para a esfera torcedora, a formulação de heróis e vilões se dá de modo dicotômico, ao relegar as torcidas organizadas a posição do indesejável, do reprovável e do ilegítimo. Estigmatizadas sob o aspecto da violência, as representações das torcidas organizadas pelos meios de comunicação na concomitância com o processo de modernização do futebol, intensificado a partir de

1987, foram circunscritas às práticas contendoras, dando à sua existência a tonalidade do inconveniente. Deste modo, as torcidas organizadas ocupam o papel de vilão do futebol, enquanto torcedores comumente chamados de “família” são tidos como modelo ideal, como heróis.

3 As torcidas organizadas como as vilãs das arquibancadas

Figura-símbolo das torcidas organizadas no Rio de Janeiro, Jaime de Carvalho é nome expoente do processo de formação e disciplinarização de torcidas nos estádios entre os anos 1930 e 1970. Sua liderança à frente da Charanga Rubro-Negra expunha a afinidade entre suas perspectivas com a “esfera disciplinar e a esfera festiva” (Hollanda, 2012, p. 101) do *Duelo de Torcidas* organizado pelo jornalista Mário Filho. Com o pressuposto de privilegiar o investimento no aspecto visual e festivo das torcidas em detrimento das práticas contendoras, o *Duelo de Torcidas* atesta compatibilidade com o aspecto *carnavalizado* (Hollanda, 2012) das primeiras torcidas organizadas do Brasil.

As características basilares das primeiras torcidas organizadas do Brasil estavam alicerçadas em pressupostos do torcer incondicional e abnegado através de seus instrumentos musicais, em consonância com o auxílio às autoridades no que diz respeito à formulação de condutas disciplinadas dentro dos estádios, que a partir de 1940 ganham novas magnitudes com o aumento da capacidade de público. A conduta ao mesmo tempo festiva e disciplinada das torcidas organizadas, que à época de suas fundações constituíram-se enquanto as únicas representantes de seus clubes, tinha como princípio norteador a lógica amadorística. Seus membros eram majoritariamente formados por sócios de clubes, o que justificava a ausência de críticas direcionadas ao corpo institucional de seu time.

A hegemonia das primeiras torcidas organizadas ancoradas na lógica da liderança a partir de um chefe e no apoio incondicional e isento de críticas é impactado por um discurso de ruptura emergente da década de 1960. Sob justificativas de afastamento de tais líderes e da vontade de contestação, novas torcidas surgiram como dissidência no final da década alicerçada em uma crise representativa dos modos de torcer. Desse modo, em finais dos anos 1960, emergem novos agrupamentos cimentados na ruptura com o padrão de torcer estabelecido, inaugurando uma performance ativa, contestatória e vinculada à símbolos representativos. Substitui-se a liderança única pela organização e burocracia grupal, em que a alcunha “Jovem” é utilizada para identificar o novo parâmetro de torcer construído. Inicia-se, desse modo, a passagem da perspectiva da *carnavalização* para a *juvenilização* (Hollanda, 2012) no âmago da formulação do conjunto simbólico das Torcidas Jovens, que se instituem como mote da coesão grupal, mas também pela prerrogativa diacrítica em relação às demais:

Os símbolos de uma torcida constituem, portanto, sua marca. Ao serem eleitos, tornam-se um sinal coletivo, indicador de sua identidade, estando seu significado referido, não neles mesmos, mas nas associações que possibilitam. É como se possuíssem uma aura capaz de evocar sentimentos e valores que animam a imaginação com visões retrospectivas e prospectivas que reafirmam a coesão coletiva destes agrupamentos.

O conjunto de símbolos de cada torcida é compartilhado por seus membros como verdadeiros sinais de distinção expressos em todo o material que produzem. Dentre eles, as camisas, as faixas, as bandeiras e os bandeirões, são elementos centrais, altamente valorizados pelos torcedores por garantirem reconhecimento e visibilidade, delimitando espaços nos estádios e reiterando identidades ao demarcarem diferenças, não somente entre as próprias organizadas, mas, especialmente, sua distância simbólica dos torcedores comuns (Toledo, 1996 *apud* Teixeira, 2006, p. 9)

As estratégias representativas manejadas pelo padrão de torcida organizada inaugurado a partir do final da década de 1960 dialogam com os objetivos de recepção (Zumthor, 2005) da estruturação de seu conjunto simbólico, consolidando a intenção de comunicação a partir de sua performance com seus interlocutores. Essa relação, no entanto, não se dá de forma homogênea: há diferentes interesses no trato das representações, que são elencadas a partir do ensejo da distinção, mas são elaboradas sob uma lógica complexa a depender de seu destinatário. Os signos constitutivos do conjunto representativo das agremiações torcedoras são pensados no diálogo com diferentes esferas. Portanto, não se pode restringir suas práticas a características unívocas, pois suas atuações são ancoradas em complexas lógicas de reconhecimento.

No entanto, a representação não se dá de forma simples: existem disputas no que tange a veiculação de imagens de determinados atores sociais e, no caso das torcidas organizadas, os meios de comunicação emergem como poderosos agentes no reforço de posições sociais. Desse modo, apesar de existir objetivos representativos e de recepção com o manejo dos signos dos agrupamentos, a mídia se coloca “decisivamente na mediação entre o público e o espetáculo” (Guedes, 1998, p. 45).

3.1 O alcance dos meios de comunicação

A partir da década de 1980, os debates referentes às práticas contendoras entre torcedores ganham destaque entre os meios de comunicação. A abordagem jornalística passa a enfatizar menos o caráter festivo das agremiações em detrimento do conflituoso, em uma perspectiva da irracionalidade no trato das interpretações das torcidas (Holland, 2010). Com ênfase no fenômeno dos hooligans na Europa, a violência se sedimentou enquanto mote do tratamento midiático em relação ao associativismo torcedor no Brasil.

A ênfase na cobertura da contenda relacionada aos torcedores organizados é incrementada com a veiculação de “nomenclatura sintomática do enquadramento corporativo marginal” (Hollanda, 2010, p. 32), reforçando a estigmatização das agremiações sob a lógica da violência a partir da ideia de incompatibilidade com os valores da modernização do futebol brasileiro. A consolidação da ilegitimidade das práticas das torcidas organizadas perante a sociedade é lastreada no final da década de 1980 e ao longo do decênio posterior, com o assassinato do líder da torcida Mancha Verde, do Palmeiras, e da chamada batalha campal do Pacaembu em 1995.

A construção do estigma é concomitante a formulação de uma idealização de torcedor, ancorado em ideais pacíficos e familiares pensados a partir da presença de pais e filhos nos estádios. A dicotomia vislumbrada no trato dos torcedores é baseada na ideia de uma “corrosão de caráter” (Hollanda, 2010, p. 29) entre os líderes de torcida – que se expande aos demais componentes da agremiação, em que suas figuras são associadas a interesses monetários e não ao torcer abnegado.

Isto posto, a pauta torcedora é cooptada sob o formato de um problema a ser resolvido, em que a mídia constantemente reforça a ideia de necessidade de civilização sob os moldes europeus. Desse modo, “o futebol, no modo como ele é apresentado cotidianamente no Brasil pela imprensa esportiva, demonstra, à larga, a permanência da tese da imaturidade e a necessidade de orientação” (Guedes, 1998, p. 35) quando expõe as trajetórias tidas como de sucesso a partir de exemplos provenientes de casos da Europa.

As representações, por conseguinte, estão imersas em uma dinâmica de disputa de veiculação de seus significados que, embora não seja definitiva, é sobressalente quando o agente é a mídia devido à capacidade de alcance:

Como resultante da dinâmica entre diferentes forças sociais em conflito, a hegemonia nunca é definitiva; os significados e representações estão sempre sendo rearticulados de acordo com o processo social. Na medida em que a hegemonia é conquistada através do conflito entre forças sociais pela articulação consensual dos significados, a veiculação de representações torna-se um elemento-chave neste processo, pois o poder de propor representações torna-se numa larga medida o poder de propor “definições” acerca da realidade: o tal “poder da mídia”. Neste sentido, a mídia representa um elemento poderosamente eficaz na constituição de uma “versão dominante” na cultura de uma sociedade. Não existe determinação neste processo, mas influência. Uma influência poderosa, mas que também se encontra ela mesma em plena luta entre diferentes ideologias, significados e versões concorrentes da realidade, competindo entre si para permanecer ou tornar-se o significado predominante, visando à hegemonia (Gastaldo, 2013, p. 36).

Apesar de a hegemonia não ser definitiva, como menciona Gastaldo, a visibilidade dada aos confrontos entre torcedores organizados a partir da década de 1980 pelos meios de comunicação reforçou a representação social dos agrupamentos a partir da lógica da violência, circunscrevendo o fenômeno às suas práticas. Por outro lado, inicia-se a idealização de torcedores sob o aspecto do pacifismo, criando dicotomias entre modelos de comportamento dentro dos estádios, que associados à presença de organizadas, estavam revestidos “com a imagem do perigo e da barbárie” (Lopes, 2015, p. 126).

3.2 A série de reportagens “Futebol em Paz”

Em setembro de 2006 foi ao ar, por meio do Globo Esporte, programa de jornalismo esportivo que pertence à Rede Globo, a série de reportagens “Futebol em Paz”. Composta por quatro episódios, a série buscou tratar da problemática da violência no futebol, seus impactos e possibilidades de resolução. “Clubes estão pagando pelo mal que ajudam a criar: as torcidas organizadas”, “As providências que a CBF está tomando para acabar com a violência no futebol”, “As medidas que estão sendo tomadas para impedir a ação de torcedores violentos” e “Como a Europa conseguiu deixar a violência em níveis minimamente toleráveis” são os títulos de cada capítulo, que já anunciam a atribuição da autoria da violência no futebol às torcidas organizadas. Das quatro partes da série, apenas três estão disponíveis no sítio eletrônico do Globo Esporte. Por isso, a análise se restringiu ao material disponível.

Na descrição da reportagem, a definição dos objetivos da matéria se dá da seguinte forma:

As reportagens alertaram para o crescimento da violência nos estádios brasileiros. Nos últimos anos, o cenário onde os craques da bola deveriam dar show, virou lugar de confronto entre torcidas rivais. Muitas dessas confusões violentas contam com a cumplicidade e com a omissão dos clubes. Ingressos que não são vendidos, acabam sendo distribuídos para as torcidas e vão parar nas mãos de vândalos. Outro ponto abordado na série Futebol em Paz apontou para as dificuldades de punir os agressores e restringir a frequência destes conflitos. No primeiro episódio da série, foram entrevistados sociólogos e presidentes de clubes, que analisaram a relação entre clube e torcida organizada. Outra questão que os repórteres abordaram foi o afastamento dos brasileiros dos estádios, naquela época, por causa das brigas que impossibilitavam a presença de crianças, famílias e todos que gostam de futebol (Globo, 2006).

Produzida em meados da década de 2000, a série se constitui a partir da interlocução com episódios crescentes de confrontos entre torcidas organizadas no Brasil e no Rio de Janeiro, com o aumento também do quantitativo de vítimas fatais relacio-

nadas a jogos de futebol. Dados coletados pelo pesquisador André Luís Nery (2012) apontam para cerca de 133 mortes associadas ao futebol brasileiro desde a década de 1990, tendo como marco final da pesquisa o ano 2012. O microcosmo torcedor, por sua vez, demonstrava a intensidade das lógicas de rivalidades e de alianças entre as torcidas organizadas que, a partir de 2006, assistiram ao processo de construção de novos projetos do torcer coletivizado, com agremiações emergentes abdicando do termo “torcida organizada” em sua constituição.

A escalada dos conflitos entre torcedores em âmbito nacional associada ao incipiente debate a respeito da problemática incide na estigmatização das torcidas organizadas a partir dos pressupostos de vilania. Assim, elementos como políticas públicas e estratégias de policiamento no tratamento de tais episódios se ancoram em experiências externas, especialmente na inglesa, caracterizada pelos anseios neoliberais. Desse modo, o tratamento destinado aos *hooligans* na Inglaterra e a alteração nos estádios alicerçadas em perspectivas modernizantes e restritivas são incorporadas ao debate brasileiro e, em especial, na arguição da reportagem citada.

O primeiro episódio é iniciado com a exposição de imagens de confrontos entre torcedores acompanhada da fala do repórter George Guilherme: “ônibus da torcida palmeirense depredado. 8 feridos, 1 preso. Assustadora rotina. E o pior: há criminosos infiltrados nas torcidas organizadas”. Com a participação de convidados, a lógica da criminalização das torcidas organizadas é reforçada sob a justificativa do impacto financeiro que a violência produz, além do afastamento de torcedores dos estádios. Termos como “criminosos” e “delinquentes” são utilizados para caracterizar os componentes das agremiações torcedoras, que são somados à conclusão do repórter: “Uma deformação que nasceu com a ajuda dos próprios clubes”.

O decorrer da reportagem se compromete com a exposição da demonstração do prejuízo financeiro que as torcidas organizadas oferecem aos seus clubes, seja pela distribuição de ingressos, seja pelo afastamento do público pagante, atrelada ao efeito a longo prazo: “além do impacto aqui nas bilheterias, e por tabela nos cofres dos clubes, a violência também atinge o futuro do esporte. Por causa dela, o futebol pode estar perdendo uma geração de torcedores”. Ao mesmo tempo, a reportagem evidencia a vinculação entre clubes e torcidas organizadas, transformando os clubes em “cúmplices” e “coniventes” pela distribuição gratuita de ingressos às agremiações.

A utilização de dados provenientes da pesquisa do sociólogo Maurício Murad, que sinalizam que cerca de 78% das pessoas que deixaram de ir aos estádios responsabilizam a violência das torcidas organizadas como principal fator abre o debate sobre o aspecto financeiro debatido no episódio. Em fala de um dos participantes da série, a comercialização de produtos emerge como argumentação do entrave promovido pelas agremiações

torcedores: “Se você não pode usar a camisa do teu clube para ir ao jogo, quando você vai usar? Então se você tem que ser um torcedor oculto, você não vai adquirir produtos desse time”. A cena seguinte é uma entrevista a um jovem torcedor de 15 anos que estava pela primeira vez no estádio Mário Filho, o Maracanã, sob a justificativa de nunca ter ido por ser algo perigoso, com o intuito de evidenciar os impactos futuros do contexto violento nos estádios em detrimento da presença e da atuação das torcidas organizadas.

O segundo episódio versa sobre as medidas tomadas pelas autoridades futebolísticas no combate à violência. Sem mencionar nominalmente as torcidas organizadas, todo o pano de fundo da reportagem é construído com a exposição de imagens de torcedores em confrontos. Por outro lado, as condições de ida e permanência nos jogos são citadas pelo repórter Gustavo Araújo de Moraes de modo a expor a falta de conforto nos estádios de futebol brasileiros: “A maioria dos estádios do Brasil não dá conforto e nem segurança, com uma área livre para a selvageria”.

Com as falas de nomes como Ricardo Teixeira, à época presidente da Confederação Brasileira de Futebol, e Dunga, treinador do selecionado nacional, as torcidas organizadas são tidas como grande ameaça à tentativa de sediar a Copa do Mundo no Brasil no ano de 2014. O repórter responsável pelo episódio expõe a problemática: “E o pesadelo pode custar um sonho. Copa do Mundo. O Brasil planeja sediar a de 2014, mas o futebol brasileiro sabe. Antes que a festa aconteça, será preciso combater a violência no futebol”. A frase, seguida de imagens de confrontamentos, é reforçada por Teixeira e Dunga, respectivamente: “Acho que é importante na medida em que se você raciocinar que no mundo todo tem havido esse tipo de problema (fazendo menção às brigas entre torcedores) que tem sido corrigido aos poucos. A gente tem que atacar o problema, porque é um problema” e “Essa coisa atinge níveis exorbitantes, níveis incontroláveis, claro que isso pode até dificultar a nossa candidatura. Para que ela seja homologada pela FIFA”.

O encadeamento da reportagem se propõe a oferecer possibilidades de resolução da problemática a partir de exemplos europeus, especialmente da Alemanha, como o cadastramento de torcedores. No entanto, o cadastro seria restrito aos torcedores organizados, que são os considerados violentos. O episódio é concluído com a fala do jornalista, após exibir o valor de 3,2 bilhões de reais que a Alemanha investiu em segurança nos estádios: “Um investimento que traz paz e torcedores aos estádios. Que pode render frutos que durarão muito mais que uma Copa do Mundo”.

O terceiro episódio – e último a ser analisado no presente artigo – segue com a temática de medidas a serem tomadas para tratar do problema da violência no futebol. Em proposição, o sociólogo Maurício Murad fala sobre a identificação dos torcedores, além da responsabilidade estratégica policial durante os jogos de futebol: “Uma outra medida fundamental é o aumento do efetivo policial. Não pode a autoridade policial

sair desmoralizada porque dez policiais brigaram contra duzentos, trezentos torcedores”. O cadastramento de torcedores permanece como pauta, somado à ideia de um público desejável, reforçada, inclusive, pelo presidente do Fluminense à época. Como forma de reduzir as práticas de violência, o jornalista aponta “a volta das famílias aos estádios”, discurso acompanhado pelo seu entrevistado, que complementa: “Quem vai acompanhado ao Maracanã de criança ou com a namorada ou com a esposa não briga. É raro brigar. Ainda mais com criança. Porque o cara quer paz. Pra mostrar que aquilo ali é legal”. A matéria é concluída com a exibição da imagem de uma mulher acompanhada de uma criança.

A série “Futebol em Paz”, desse modo, instiga, a partir da veiculação, a circunscrição da violência no futebol às práticas das torcidas organizadas. A exposição encadeada da problemática, dos possíveis impactos e de medidas de solução estão ancoradas em uma estrutura narrativa de construção de um problema social. Ao mesmo tempo em que demonstra a imagem das torcidas organizadas restritas à contenda, a série evidencia um oposto desejado: a família, principalmente composta de mulheres e crianças, dando a tonalidade da pacificação a partir de tais figuras.

Mais que isso, a série posiciona as agremiações torcedoras enquanto descaracterizadas como torcedores. Ao mencionar que houve “afastamento dos brasileiros dos estádios”, bem como a impossibilidade da presença de famílias e crianças, os torcedores organizados são imbuídos pelo estereótipo da violência e de terminologias criminalizantes, em que até mesmo sua nacionalidade é esvaída em função do estigma. A construção da legitimidade e da urgência de tal narrativa é fortalecida com a ideia de que todo o corpo social pode ser negativamente impactado, ou seja, todos são “vítimas potenciais” (Lopes, 2012, p. 55) das agências de torcedores organizados: “As torcidas organizadas seriam, portanto, para o jornal, as grandes ‘vilãs’ nos incidentes de violência. Estes incidentes ‘vitimizariam’ principalmente a família brasileira, que seria o público legítimo do futebol e também um instrumento de pacificação dos estádios” (Lopes, 2012, p. 149).

Considerações finais

A construção de narrativas sobre representações no cosmo futebolístico é investida de disputas de interesses. São imbuídas de intencionalidades por vezes ocultas. O papel da mídia na formulação de mitos e ritos no futebol, vislumbrados no presente artigo sob a forma de heróis e vilões, alcança o microcosmo das torcidas organizadas. Imersos na lógica espetacularizada do referido esporte, a produção de trajetórias de idolatrias, heroísmo e vilania, como anteriormente apontado, se traduz em modelos exemplares de comportamentos e valores desejáveis ou reprováveis.

No caso das torcidas organizadas, vislumbrada na série “Futebol em Paz”, a construção discursiva sobre as práticas torcedoras se alicerça em dicotomias, estabelecidas entre associativismo torcedor e famílias. Os aspectos burocráticos e complexos da estrutura interna das torcidas organizadas, bem como a construção de signos de seu conjunto simbólico são invisibilizadas em função da exposição de um modelo execrável, com a proposição de uma solução traduzida na família.

Ancorados nos discursos de racionalidade, os meios de comunicação, em consonância com a lógica do futebol espetáculo, se colocam como veículos no processo de estigmatização dos agrupamentos torcedores. A fundamentação se dá na medida em que se almeja a construção de um público no estádio que esteja alinhado com os ideais de pacifismo e, por conseguinte, de potencial consumo:

Os crescentes apelos em conter e inibir as modalidades mais autônomas do torcer são difundidas por discursos e ações que deliberadamente impõem critérios orientador por uma racionalidade que se quer universalizar e que diz respeito a necessidade em transformar o torcedor em consumidor de um espetáculo, tornando-o, de certo modo, desenraizado de uma vivência mais densa em significados (Toledo, 2000, p. 268).

Desse modo, a estruturação da série “Futebol em Paz” dialoga com os intentos da elaboração de mitos no futebol. Através da construção de heróis e vilões, isto é, de modelos a serem seguidos ou rejeitados, calcados na dicotomia, as torcidas organizadas protagonizam a vilania e o público considerado “família” é imbuído de heroísmo, capaz de trazer a paz aos estádios. São evidenciados, de forma complementar, os lucros e os reveses de cada personagem, em consonância com a estratégia discursiva da potencialidade da condição de vítima à toda população.

Referências

BARROS, José D’Assunção. História cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

DA COSTA, Leda Maria. **Os Vilões do Futebol: Jornalismo Esportivo e Imaginação Melodramática**. Editora Appris, 2021.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

- DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, p. 82-91, 2001.
- GASTALDO, Édison. Publicidade e imaginário esportivo na televisão. *In*: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *et al.* **Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão**. Rio de Janeiro, v. 7, 2013.
- GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. *In*: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989. p. 278-321.
- GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencontamento. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 15, n. 1, p. 11-19, 2007.
- HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003.
- HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. Editora Brasiliense, 1990.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Futebol, visibilidade e poder: lógicas da violência nos espetáculos futebolísticos. **Revista Comunicação Midiática**, v. 10, n. 3, p. 119-134, 2015.
- RODRIGUES, José Carlos. O rei e o rito. **Revista Comum**, v. 1, p. 16-29, 1982.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualização. **Revista Esporte e Sociedade**. Niterói, n. 2, 2006.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2018.